



## A Guerra e a Morte

A espada, reta e curta, atravessou a carne atingindo o coração. O grito de fúria cessou de repente e o corpo tombou com braços retorcidos, tentando inutilmente abraçar a dor. O primeiro de muitos, no choque inicial entre os dois poderosos exércitos.

O sangue tingiu o solo e os corpos, movendo-se ou não, se transformaram em um tapete para a morte. Os gritos de fúria e dor eram carregados pelos ventos, causando ansiedade e medo àqueles que ainda não haviam se engajado no combate. Era a guerra. Um dos primeiros conflitos, depois da vida habitar o mundo. E aquela era uma das piores batalhas desde seu início.

Várias eram as raças no confronto, numa época em que os humanos eram poucos e os elfos tinham outro nome. Onde o aço ainda era desconhecido e a magia, bruta, era algo natural.

O foco, porém, estava nos arcanjos enviados pelo próprio criador para auxiliar o mundo. Eles deveriam auxiliar e guiar a raça humana. Mas assumindo diferentes ideologias, haviam se dividido e agora lutavam entre si, junto dos povos que guerreavam. Cada um dos enviados tomara para si conceitos e ideais, nobres, ou não, adquiridos da convivência com as raças da época. Sua vinda, antes para ajudar, apenas aumentou o fogo das batalhas e as tornaram ainda mais perigosas.

Neste campo de combate, dois generais alados observavam o conflito, distantes. Rauny, a prateada, mantinha a atenção voltada para seu inimigo, de espada em punho, proferindo palavras sagradas, instigando seu exército a continuar. Leyar, o persuasivo, apenas a encarava, de braços cruzados e sorriso vitorioso no rosto. Não era para menos, pois havia trazido para suas fileiras a pior criatura dentre os celestiais. A encarnação da própria guerra: Chaos, a furiosa.

E foi na sua chegada que a batalha desequilibrou-se, como era esperado acontecer. O som da guerra, que sobrepujava qualquer pedido de misericórdia ou brado feroz, desfez-se quando sua espada foi cravada no chão. Suas quatro asas, tingidas de sangue seco, abriram-se imponentes. Os olhos flamejantes nada significavam frente ao medonho sorriso de prazer que ela exibia. Os mortais que lutavam tremeram, inimigos ou não, e recuaram, esquecendo por instantes que lutavam entre si. O arcanjo riu. Não havia alma que não a temesse. Não havia arma que a derrotasse.

Só quando puxou sua espada e desferiu o primeiro golpe, o silêncio desfez-se e a voz da guerra tornou a gritar. E Chaos regozijou, entregando-se à fúria. Golpes precisos e poderosos, que partiam e esmagavam o inimigo. Parecia não haver chances para seus oponentes. Até mesmo Khan, um poderoso e respeitado guerreiro da raça dos homens, hesitou frente a tal inimiga.

O brado furioso então ecoou, superando o som da guerra para clamar por atenção. Um arcanjo celeste, campeão das forças de Rauny, investiu contra o impossível. A certeza da morte habitava seus olhos e o desejo de vencer pulsava em seu coração.

Chaos, com a espada tingida em sangue, aparou o primeiro golpe com facilidade, valendo-se de uma única mão. As lâminas de metal sagrado cruzaram-se, medindo forças. Os olhos celestes encontraram-se e nenhuma lembrança de sua origem veio à tona, nenhum sentimento, por serem irmãos, filhos do próprio criador.

Um círculo formou-se em torno deles. Muitos se esqueceram da batalha mais uma vez para observar o embate entre as criaturas sagradas. Seus olhos lacrimejavam, suas pernas e mãos tremiam e seus corações batiam forte, não sabiam porque. Era como se algo em suas almas se comovesse com aquilo e inundasse suas consciências.

O metal sagrado fez notar sua voz quando as lâminas separaram-se, jogando faíscas no ar. As asas abriram-se e os celestiais tomaram distância. Apenas um breve segundo, de silêncio perturbador, que antecedeu o verdadeiro combate. Chaos avançou primeiro, brandindo sua arma sem medir forças. Gavin, seu oponente, defendeu-se com dificuldade, recuando alguns passos. O metal emitia um som ensurdecedor a cada colisão. Golpes rápidos, mortais. Bastava um erro para que o guerreiro abraçasse a derrota.

- Ataque! – gritou Khan, para o aliado subjugado. O único que conseguiu falar em meio a todos. – Avance! Ataque!

E seu pedido surtiu efeito. O celeste bateu asas, saltando mais alto que o esperado, deixando a espada inimiga atravessar o vazio, e atacou, decependo uma das asas vermelhas de Chaos. Ela não se curvou, nem gemeu ou se importou com a asa perdida e o ferimento aberto. Apenas virou-se contra-atacando feroz. Gavin jogou-se para trás a fim de evitar a morte, mas a lâmina inimiga atingiu seu braço, cortando a pele e quebrando o osso.

Os homens seguraram o fôlego. Inimigos, lado a lado, sem coragem de tirar os olhos daquela batalha sangrenta. Suas mentes estavam confusas, tentando processar a angústia de ver dois seres divinos duelando até a morte.

O arcanjo de Rauny rosnou, ignorando a dor no braço ferido e atacou. Seus golpes, um a um, foram rechaçados. Parecia impossível vencer tal fúria, tal encarnação da própria guerra. Então sua mão falhou e a espada escapou, passando por sobre o ombro de sua inimiga.

E ela não hesitou, atacando a presa desarmada com a satisfação da vitória. A espada atravessou a barriga de Gavin e teria subido rumo à sua cabeça para parti-lo em dois. Mas ele segurou o punho inimigo com a mão boa, agarrando-se à vida por mais alguns segundos.

Novamente os olhos celestes encontraram-se e Gavin lembrou-se da missão que o criador lhes havia dado. Eles deveriam acabar com a guerra das raças, trazer paz ao mundo, mas acabaram por fazer parte daquela loucura, profanando seus corpos e almas sagrados a cada combate.

Chaos observou os olhos de sua presa marejarem. Nenhuma lembrança lhe veio, sentimento algum aflorou em seu peito. Havia decidido que a batalha era necessária e que o lado vencedor não era importante, que o sangue derramado fazia parte do destino do mundo. Não cabia aos celestes parar aquilo, este seria o aprendizado das raças que habitavam o mundo. Enquanto eles desejassem guerra, ela lutaria e daria guerra a eles.

Mas tudo tornou-se vermelho numa luz ofuscante, e muitos dos homens caíram de joelhos, quando a espada de Gavin atravessou o peito de Chaos. Era como se a dor do celeste contaminasse cada um deles.

Rauny, a prateada, finalmente tirou a atenção de seu inimigo, e Leyar fez o mesmo, descrente.

Khan, que tomara a espada do celeste para si, havia atacado a inimiga invencível pelas costas. Ele puxou-a do corpo angelical e desferiu mais um golpe nas costas do arcanjo, arrancando-lhe as asas esquerdas, deixando somente uma, a menor. A guerra encarnada soltou sua lâmina, deixando Gavin cair, e voltou-se para o mortal que a havia trespassado. Suas pernas cruzaram e ela ameaçou tombar, mas manteve-se de pé, encarando-o.

Uma luz surgiu à sua frente, sua essência, tornando-se intensa até ofuscar os olhos e desapareceu. O corpo de Chaos havia sumido. Estava acabado. Khan piscava,

como se aquele gesto o ajudasse a entender o que acontecera. Mas a verdade era que arcanjos celestiais não deixavam corpos ao morrer.

Talvez o humano jamais descobrisse que Gavin, um excelente estrategista, abandonara sua espada propositalmente, num ato de extremo sacrifício, para que ele a empunhasse e vencesse o inimigo, mesmo com a desonra do ataque pelas costas.

Os generais daquelas tropas não imaginaram o que viria a seguir, quando aquele homem tomaria o lugar de Chaos, como o mais perigoso e temido inimigo daquela guerra, superando o arcanjo derrotado. O novo campeão dos campos de combate. A nova encarnação da guerra.

Aquela batalha encerrou-se ali, naquele momento. Pois o velho código dizia que a morte de um celestial deve ser respeitada e os conflitos adiados por nove dias. Os generais recolheram seus exércitos e, silenciosos, recuaram para continuarem suas batalhas em outro momento.

Naquele dia, terminei de recolher as almas que ali ficaram e as guiei de volta ao criador. Minha visão divina permitiu um breve lampejo do futuro, onde Khan se tornaria um deus venerado como patrono da Guerra. Um lugar destinado a Chaos, que reclamaria por seu título quando tivesse forças. Sua essência não viera a mim para ser levada de volta, ao invés disto, havia se unido ao corpo de seu carrasco. O conflito do mundo estava longe de acabar. Muitos ainda tombariam pela lâmina do caos.

***Por Leandro “Radrak” Reis Almeida***

*Crônicas de Grimmelken*

**WWW.GRINMELKEN.COM.BR**